



## COMO EVITAR A DISSEMINAÇÃO DO VÍRUS

Devem ser adotadas medidas que evitem/reduzam a contaminação ambiental e a disseminação de RHDV2, sempre que seja confirmada a circulação do vírus:

- Intensificar a prospeção no campo e a remoção de cadáveres encontrados para diminuição da transmissão. Todos os cadáveres deverão ser enviados para os pontos de recolha definidos no âmbito do Plano de Ação ([http://www.inia.v.pt/fotos/editor2/protocolo\\_pontosdeentrega.pdf](http://www.inia.v.pt/fotos/editor2/protocolo_pontosdeentrega.pdf));
- Desinfetar semanalmente os bebedouros com hipoclorito de sódio (0.5 %) e interromper a suplementação de alimento nas zonas de caça, por forma a desfavorecer a proximidade entre animais;
- Desinfetar as solas das botas, equipamentos robustos e rodas dos veículos, através de pedilúvios ou rodolúvios, com hipoclorito de sódio (0.5 %), antes da saída da zona de caça afetada,

tendo em conta a possibilidade de transporte mecânico do vírus através de cães, pessoas, equipamentos e veículos contaminados;

- Desinfetar as entradas das tocas de coelho-bravo com cal e controlar vetores (moscas, mosquitos,...), uma vez que o vírus pode ser disseminado mecanicamente por insetos;



- As áreas reconhecidas afetadas devem ser as últimas a ser percorridas na zona de caça. Neste caso, todos os animais caçados deverão ser amostrados e as amostras biológicas respetivas, enviadas para o INIAV, através dos pontos de recolha;
- A evisceração dos animais em ato venatório deve ser realizada sobre um plástico, por forma a evitar pingos de sangue no chão;
- As vísceras de coelhos e lebres das áreas afetadas devem ser enterradas em vala revestida com cal, que também deve ser aplicada sobre as vísceras, antes de cobrir com camada de terra com altura mínima de um metro. Os subprodutos também podem ser encaminhados para empresa de tratamento;
- Qualquer suspeita de Doença Hemorrágica Viral deve ser comunicada, de imediato, aos serviços regionais da DGAV ([www.dgv.min-agricultura.pt](http://www.dgv.min-agricultura.pt)).

# Importância das boas práticas de gestão Na recuperação do coelho-bravo

Relativamente ao eixo das boas práticas de gestão, estão contempladas no curto/médio prazo medidas de gestão de habitat, que os caçadores e gestores devem implementar nas suas zonas de caça.

TEXTO: MÓNICA V. CUNHA E MARGARIDA D. DUARTE (INVESTIGADORAS DO INIAV, I.P.); GRUPO DE TRABALHO +COELHO FOTOS: SHUTTERSTOCK



M. DUARTE



M. CUNHA

Para recuperação do coelho-bravo, são necessárias medidas de gestão e de conservação que passam pela **recuperação dos habitats** favoráveis à proliferação e estabilidade das populações naturais e ao **controlo de populações sobre-abundantes de predadores** cinegéticos.

Para o efeito, devem ser promovidos os mosaicos de vegetação (alternância de culturas agrícolas, incultos, matos e zonas florestais) e de ecótonos (efeito de orla), bem como estruturas artificiais (moroços e enramados) para reprodução e abrigo. O incentivo à criação de áreas de refúgio (santuários) dentro das propriedades e zonas de caça, para permitir manter as populações de coelho-bravo, pelo menos, em valores mínimos, através do estabeleci-

mento de cercados em redor de abrigos/refúgios já existentes, deve ser promovido sempre que se justifique. A construção de cercados de reprodução com indivíduos autóctones destinados a fornecer animais adequados, do ponto de vista sanitário e genético, para a realização de repovoamentos dentro da própria zona de caça, deve ser assegurada quando os efetivos são escassos.

A certificação genética dos indivíduos introduzidos é necessária para se garantir a pureza genética da subespécie *Oryctolagus cuniculus* subsp. *algericus* que é autóctone do nosso território. A fiscalização de movimentações de animais deve ser reforçada.

Deve ser melhorada a capacidade de sustentação dos habitats ao nível da disponibilidade

de alimento (manutenção de áreas de vegetação natural; instalação de culturas para a caça e colocação de comedouros) e de pontos de água (naturais e artificiais – charcas de abeberamento e bebedouros artificiais) nas zonas de caça.

## A certificação genética dos indivíduos introduzidos é necessária para se garantir a pureza genética da subespécie que é autóctone do nosso território

As técnicas agrícolas tradicionais devem ser incentivadas, incluindo o reforço de planícies com pastagens de cereais ou culturas arvenses de sequeiro. Deve ser promovida a harmonização das práticas agrosilvopastoris com a recuperação das populações de coelho-bravo (e.g. zonas

de exclusão de pastoreio, regulação de encabeçamentos, calendarização de amanhos e granjeios, uso de agroquímicos, etc.).

A avaliação de medidas para minimizar o efeito da predação e o reforço de medidas de adequação da atividade cinegética são

fundamentais. No âmbito da gestão das populações em zonas de caça do regime cinegético ordenado é necessário:

- a) promover programas relacionados com o controlo de cães e gatos assilvestrados;
- b) regularizar o controlo de predadores, quer de forma indireta,

pela redução da predação através da melhoria da qualidade do habitat do coelho-bravo e pela adequação da distribuição de alimento e de água (de modo a evitar elevadas concentrações de animais), quer pela eliminação de ações que favorecem a sobrevivência dos predadores (e.g. abandono de subprodutos de caça e manutenção de focos de alimentação artificiais destinados a gatos e cães assilvestrados);

- c) Incentivar a redução das densidades de alguns predadores específicos que constam da lista de espécies cinegéticas, tais como a raposa e o sacarrabos, quando as suas populações se tornam sobre-abundantes;
- d) Favorecer o equilíbrio entre os diversos predadores presentes na comunidade local. ■



Criar áreas de refúgio (santuários) para permitir manter as populações de coelho-bravo, coelho-bravo.



Construção de cercados de reprodução com indivíduos autóctones, para realização de repovoamentos repovoamentos.



Os pontos para suplementação de alimento são bastante importantes no período de escassez.



Promover os mosaicos de vegetação e de efeito de orla.



Promover programas relacionados com o controlo de cães e gatos assilvestrados.



Redução das densidades de alguns predadores específicos.